

A pintura antifurto de Pedro Victor Brandão

Política como arte no contexto de crise econômica mundial

Recebido em 27-11-2014
Aceito para publicação em 28-12-2014

Marcelo Neder Cerqueira¹
Pedro Victor Brandão²

139

Resumo: *Pintura Antifurto* é resultado da apropriação das imagens de aversos e reversos de cédulas manchadas por um dispositivo antifurto em explosões de caixas eletrônicas. A partir de uma autorização emitida pelo Departamento do Meio Circulante do Banco Central, reproduções fotográficas tem sido feitas e distribuídas gratuitamente. O texto que segue foi apresentado por Marcelo Neder Cerqueira no dia 20 de Outubro de 2011, quando a Casa França-Brasil promoveu a mesa redonda sobre a *Pintura Antifurto*. A mostra foi realizada dentro na *Ocupação Cofre*, onde artistas mostram seus trabalhos numa sala de 2,40m² sem função definida desde a transformação em centro cultural. Entre 1820 e 1924, a histórica construção da Casa França-Brasil, localizada em frente à Baía de Guanabara, abrigou a primeira praça do comércio da cidade.

Abstract: *Pintura Antifurto* [Anti-theft Painting] results from appropriation of the images of obverses and reverses of banknotes marked by an anti-theft device in explosions of ATM's. After an authorization issued by the Currency Department of the Central Bank, photographic reproductions were made and freely distributed. This text was presented on October 20th 2011, when Casa França-Brasil realized a debate about *Pintura Antifurto*. The show was realized on the framework of *Ocupação Cofre* [Vault Occupation], where artists are invited to exhibit in a room of 2.40 m² that has no function since the transformation in cultural center of this construction that from 1820 to 1924 worked as the first commerce square of the city.

¹ Marcelo Neder Cerqueira é poeta, músico e sociólogo. Nasceu em 1984, no Rio de Janeiro. Doutorando em História Social pela UFF. Mestre em Ciência Política também na UFF e graduado em Ciências Sociais pela UFRJ. Publicou a antologia poética "Versos que me fizeram" (2011), pela Editora Multifoco; e também sua pesquisa de mestrado "Homem Desconfortável: poder e modernidade em Arthur Schnitzler" (2015), pela Prismas Editora. Participou durante dez anos das oficinas de Música Universal do maestro Itiberê Zwarg, tendo gravado dois discos: "Caminhos da Paz" (2006) e "Que nem o mundo" (2011).

² Pedro Victor Brandão nasceu em 1985, no Rio de Janeiro. É artista visual e trabalha com fotografia, performance e experimentos sociais. Ele é graduado em Fotografia pela Universidade Estácio de Sá (UNESA, Rio de Janeiro, 2007-2009) e atendeu aos cursos livres da Escola de Artes Visuais do Parque Lage (Rio de Janeiro, 2005-2010). Fez residência no Z/KU – Zentrum für Kunst und Urbanistik (Berlim, Alemanha, 2014), Halfmannshof (Gelsenkirchen, Alemanha, 2013), Terra UNA, (Liberdade, Minas Gerais, Brasil) e Cité Internationale des Arts (Paris, França, 2012). Em trabalhos recentes tem investigado a produção de comuns em contextos precarizados, seguido de estudos sobre aceleracionismo, cibernética social e economias pós-escassez. De 2007 a 2012 colaborou com vários coletivos (Laboratório Tupinagô, OPAVIVARÁ! e Epistomancia) e desde 2013 faz parte da Agência Transitiva. Em 2015, participa do curso intensivo EAVerão e trabalha em colaborações com os curadores Bernardo Mosqueira e Beatriz Lemos. É representado pela Portas Vilaseca Galeria (Rio de Janeiro) e Sé (São Paulo). Vive e trabalha no Rio de Janeiro.



Sem Título (Cédula), 6,5x14 cm, edição de 15 + 4 PA, 2011

Quando saiu a Pintura Antifurto de Pedro Victor Brandão eu pensei: “acertou mais uma”. Digo “acertou”, pois creio ser também tarefa do artista estar atento às transformações do tempo, não só da crônica do dia-dia, mas dos fluxos históricos e dos processos mais longos de transformação que conduzem cada instante. Uma obra de arte, seja qual for, sempre vive no presente e para o futuro. Lugar de artista não é na montanha, isolado. Imanência é seu princípio, que, assim como a vida, segue na morte, na constante experiência de transformação. Saber se colocar no campo, decifrar os movimentos a cada novo instante, intuir o movimento da bola; são inúmeras as metáforas do futebol que expressam sua prática na condição artística. A chave está na leitura do tempo e do espaço; e no como agir no correr do instante face esta leitura. O futebol transpira a dialética maquiaveliana entre fortuna e virtú. A Pintura Antifurto de Pedro Victor também reúne essa qualidade. Para Maquiavel, a política deve ser entendida como arte – esta talvez seja a chave de leitura mais aguda que ainda hoje produz tanto desconforto aos centros hegemônicos de poder empapados de teologia-política. Não estou assim no mesmo diapasão dos que pensam uma “arte verdadeira” como fantasia de eternidade ou perenidade; como elevação ou descoberta de um espírito ontológico, que vive acima ou fora do tempo. O que leva a duração ou a força de um discurso artístico – que se realiza pela experiência sensível – não está em alguma espécie de vitória sobre a morte, senão o contrário: na sua vivência íntima e constante; quer dizer, uma condição tal onde a própria ideia de vitória ou derrota parece perder o sentido: o que vale é a travessia.

“Acertou mais uma vez”. Não digo isso simplesmente pela situação curiosa promovida pela onda de assalto a caixas eletrônicos, que, afinal, está na origem da apropriação estética de Pedro e de alguma forma veicula e multiplica oportunamente o seu discurso. A nota manchada de rosa pelo chamado “dispositivo antifurto”, como alternativa irônica promovida pelas agências bancárias para uma questão social muito mais complexa, desorienta a multidão. Não só porque não resolve o problema, ou porque implica o risco de se perder o dinheiro, mesmo agora sendo as agências bancárias obrigadas a trocar imediatamente as notas manchadas. A ironia está na denúncia contingente do caráter virtual do dinheiro; na demonstração nua e crua do elemento de crença que força o consentimento e o aceite da sua violência. Aquele mesmo dinheiro que possivelmente o sujeito se matou de trabalhar para receber pode, então, ser rapidamente destituído de seu valor. A nota manchada de rosa, manifestando-se como arbitrariedade, quebra o sistema de fé e confiança que caracteriza a lógica dos mercados capitalistas. Na central de autoatendimento, o sujeito encontra-se então desamparado – e nesta furtiva experiência moderna de desencanto, produz-se de repente o velho e novo anúncio da morte de Deus. Mesmo quando os lemas “In God we trust”, impresso nas cédulas do dólar norte-americano, ou o nosso “Deus seja louvado”, no real brasileiro, queiram nos convencer do contrário.



Sem Título (Painel), 56x156cm, edição de 5 + 1 PA, 2011

A ação criminosa – roubar um caixa eletrônico – que subverte as regras da distribuição de renda e poder da nossa sociedade, e o consequente uso do “dispositivo antifurto”, acabam promovendo uma experiência de questionamento sobre a validade e a realidade da moeda. O

dinheiro, então, sai do campo celestial e abstrato da ordem econômica e manifesta sua qualidade política. Possivelmente uma experiência traumática, mediante o ainda recente passado de hegemonia neoclássica que através da repetição midiática dos *chicago's boys* e dos ideólogos do *laissez-faire* insiste em pensar a economia como um sistema abstrato fechado nos seus próprios termos – mas que, lembrando as palavras de Paul Sweezy, “padece de inevitáveis insuficiências lógicas”.

Não são apenas os curiosos “dispositivos antifurtos” que na sua experiência de estranhamento acabam por manifestar a qualidade política do dinheiro: também – e especialmente – as situações de crise econômica, como a que o mundo está vivendo hoje em dia. O fenômeno vem generalizando-se e pode ser identificado, de formas variadas e contraditórias, em diversos protestos nos EUA, na recente onda de saques na Inglaterra, nas ocupações de praças na Espanha, Grécia, Itália, na ocupação de Wall Street que completa já um mês, no crescente questionamento da Guerra ao Iraque, nas reivindicações dos estudantes chilenos pela garantia do ensino público – justo o Chile, que dentre os países da nossa América possivelmente sofreu as maiores consequências do neoliberalismo durante a ditadura militar de Pinochet, servindo como laboratório da escola econômica dos seguidores de Milton Friedman. Num olhar de esguelha, o “dispositivo antifurto” encetado pelas agências bancárias distribui a validade/virtualidade da moeda de uma forma não muito diferente de como se faz na bolsa de valores; especialmente da maneira como fizeram – sem qualquer responsabilidade, sem qualquer garantia futura das apostas e investimentos, e ainda com a irônica semelhança do princípio de socialização dos prejuízos que nos momentos de crise financeira desponta como “saída necessária”, pressionando o repasse dos cofres públicos para cobrir suas dívidas particulares; fazendo parecer a crise sistêmica de reprodução do capital algo passageiro; mas por quanto tempo?

Vamos falar então do assalto dos bancos. Como seria um “dispositivo antifurto” adequado contra os especuladores? Poderia ser o assalto ao caixa eletrônico e a nota manchada de tinta, de alguma forma estranha, outro lado distorcido, que fala à ação criminosa, irresponsável e arbitrária, agora sim, cometida pelos bancos e pelo mercado financeiro? Neste caso, poderíamos ler a Pintura Antifurto, de Pedro Victor Brandão, e a sua Ocupação Cofre, como possíveis dispositivos estético-expressivos a instrumentalizar nossa criatividade e apurar nossa sensibilidade na crítica da ideologia e na busca por alternativas? Bom, não podemos manchar as notas virtuais que os especuladores jogam no futuro, porque elas não existem. Mas podemos

denunciar a mancha constitutiva do capital, que como já dizia Marx, “nasce banhado em sangue”. Talvez não seja rosa a cor da nota; antes vermelho. Mas para isso não é preciso de nenhum dispositivo específico, nem tinta; o capital já nasce avermelhado. O que se precisa é aprender a enxergar a sua violência, desvelando as relações de poder que no capitalismo moderno tendem a manifestar-se maquinalmente, como relações impessoais e involuntárias entre objetos e homens-coisas; como se não fossem relações sociais que servem a interesses específicos. A Pintura Antifurto de Pedro Victor ganha fôlego face à conjuntura política mais ampla; e da situação pontual do assalto ao caixa eletrônico (do assalto à máquina) somos carregados pela força da imagem – a nota avermelhada, ensanguentada – que inevitavelmente fala mais alto e inquieta nossos corações e mentes.



Vista da Instalação

A vivência fronteiriça e entrelaçada da ficção com a realidade, entendida como denúncia da arbitrariedade e crença que vigora na distribuição do poder de mando e da obediência na sociedade percorre diversas obras e performances de Pedro. Um mesmo sentido pode ser identificado quando, através de uma alteração digital, uma galeria de arte transforma-se em uma loja Starbucks; ou quando o artista vende composições fotográficas que se autodestroem pela luz; ou quando suas paisagens não-civilizadas apontam, por fim, para a barbárie do padrão de urbanização da cidade; ou quando através do coletivo OPAVIVARÁ! instaura um sistema de trocas de performances artísticas a partir de uma moeda de argila (Moitará): a problematização da arte como mercadoria pode ser vista como um tema chave que passa por diversas experiências estéticas do artista, produzindo pequenos curtos circuitos na transvaloração das relações de poder sacralizadas e tidas como naturais. A sua Pintura Antifurto não é exceção. A mercadoria artística manifesta-se como processo arbitrário de valoração; acaba por destituir a crença de um valor em si, pretensamente objetivo e “real”, denunciando no elemento arbitrário e virtual a dominação entre humanos, animais e toda sorte de coisas que existem – não obstante o nome do valor da nossa moeda – real – como mais um adendo a clamar pela crença na sua veracidade – na sua realidade ou realeza – como alguma forma de verdade inerente, um sangue azul que, todavia, não existe. O dinheiro também é mercadoria e manifesta-se na sua forma. Nesse sentido, o trabalho de Pedro Victor soube capturar o princípio estético – o fetiche da mercadoria – involuntariamente desmistificado pelas agências bancárias, sistematizando-o na Pintura Antifurto como experiência de crise subjetiva – o sujeito diante da máquina de autoatendimento que perde a fé.